



Prof. Doutor João Salavessa

“ABRIR A FCSH FOI UM GRANDE DESAFIO”

Leia nas págs. 2 e 3

“A FCSH ESTÁ NUM LABORATÓRIO SOCIAL E CULTURAL”

– Professor Elísio Macamo

Leia entre as pág. 5 e 6



ESTUDANTES ENVOLVIDOS NO RASTREIO DA COVID 19

Págs. 12 e 13

Pub



**OFERECEMOS CURSOS
BÁSICOS DE
INGLÊS, FRANCÊS
E ITALIANO
INSCREVA-TE JÁ**



FORTALEZA DE S. SEBASTIÁ(CECROI) FCSH



84 7933030 - 86 9222945 - 84 0721012



Centro de Estudos Culturais e Religiosos - CECROI/FCSH/UniLurio

“ABRIMOS A FCSH SEM TODAS AS INFRA-ESTRUTURAS FÍSICAS DE SUPORTE AO ENSINO”

– Prof. Doutor João Salavessa, primeiro director da FCSH

O Primeiro Director da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) diz que quando a faculdade abriu em 2017, não dispunha de todas infra-estruturas físicas de suporte ao processo de ensino que idealmente eram necessárias.

Segundo o Professor João Salavessa que foi director da FCSH no período entre 2017-2018 em entrevista ao *OMacuthi*, a instituição teve de enfrentar o desafio da sua instalação com muito esforço e contou com apoio de outras instituições para suprir as dificuldades na altura.

“Nós abrimos a Faculdade sem qualquer infra-estrutura física de suporte ao ensino. Quando recebemos os estudantes na primeira semana, não tínhamos ainda salas de aula prontas nem mobiliário escolar. Esse foi o primeiro grande desafio que tivemos de enfrentar e enfrentámo-lo com a prestimosa colaboração do Conselho Municipal da Ilha de Moçambique”.

Recorda o primeiro director da FCSH que na altura, a faculdade foi um exemplo de superação e inovação frente aos desafios.

“Face à indisponibilidade de salas de aulas,

tivemos de inovar nos primeiros dias criando a semana de indução” que hoje



Prof. Doutor João Salavessa

Primeiro Director da FCSH

é prática corrente na Universidade Lúrio e foi uma experiência iniciada na FCSH.

A semana de Indução é

a semana em que as unidades orgânicas da Universidade Lúrio se de-

dicam a dar directrizes aos estudantes, novos ingressos, sobre a vida académica, elucidando-os, não só, sobre a necessidade de

o saber ser e estar dentro do ambiente académico, mas acima de tudo, abrindo-lhes a mente para que possam, da melhor forma, perspectivar a sua formação, rumo ao alcance de resultados acima da média.

As faculdades realizam nesta semana trabalhos de sensibilização para os estudantes sobre a necessidade de um pensamento livre e crítico, através da pesquisa científica, sua interpretação e, a divulgação/aplicação dos respectivos resultados. Para além de apoiar e dar suporte aos estudantes e garantir uma

Cont. pág.3

NOTA BIOGRÁFICA



Nasceu na Figueira da Foz (Portugal) em 1971, é Professor Associado na UniLúrio onde exerce funções desde 2014. Colaborou na Faculdade de Ciências Agrárias (Niassa), Faculdade de Ciências da Saúde (Nampula) e foi o primeiro director da Faculdade de

Ciências Sociais e Humanas na Ilha de Moçambique. Foi Director Científico da UniLúrio de 2015 a 2017. É doutorado em Ciência e Tecnologia Animal pela Faculdade de Medicina Veterinária de Lisboa (2009). Mestre em Ciência e Tecnologia dos Alimentos pela Universidade Técnica de Lisboa (2001). Licenciado em Engenharia Agrícola pela Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (1996). Foi professor na Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Castelo Branco, investigador no Departamento de Produção Animal e Segurança Alimentar da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa e docente na Faculdade Medicina Veterinária da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Actualmente está a desenvolver trabalhos de pesquisa no âmbito do Desenvolvimento e da Segurança Alimentar em vários projectos da UniLúrio com parcerias internacionais e, é o coordenador do projecto financiado pelo Banco Africano de Desenvolvimento - “UniLúrio Support to Skills Development for Agriculture and Industry Project”.

Ficha técnica:

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio

Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: rpcfcs@unilurio.ac.mz | +258 878300752

Director: Wilson Profírio Nicaquela | **Editor:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Revisão:** Albino Oreste Muatua e Beatriz Chalucuan

Redacção: Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Fotografias:** Cefo Assimilado | **Maquetização:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo

Distribuição: gratuita



Casa Girassol Recepção dos primeiros estudantes da FCSH

Créditos: J. Salavessa

adequada integração no seu novo ambiente universitário e no meio em que este se insere.

“Sendo a Ilha de Moçambique em si um património tão rico, sendo um lugar que para muito dos nossos estudantes era a primeira vez que o estavam a visitar, então nós conseguimos de algum modo, mostrar-lhes aquilo que seria o lugar onde iriam viver e estudar nos anos seguintes, uma vez que a Ilha seria para eles um *laboratório vivo*, onde iriam preparar-se para o desempenho dos seus futuros trabalhos”, disse o ex-director, explicando o que havia sido feito durante a primeira semana lectiva na então recém criada faculdade.

João Salavessa, conta ainda que passada a semana de indução a FCSH viria a ter duas salas de aulas, uma que funcionou no rés-do-chão da casa oficial do Presidente do Conselho Municipal da Ilha de Moçambique e outra na Casa Girassol, esta última continua a funcionar nos dias de hoje.

O primeiro director explicou ainda que sempre teve uma visão de excelência a para FCSH na Ilha

de Moçambique, nomeadamente “Formar alunos capazes, com competências elevadas e aptos para trabalharem em qualquer ponto do país ou do mundo”.

Foi nesse sentido e com o objectivo de contribuir para formar massa crítica do capital humano capaz de responder aos desafios e exigências que o sector do turismo e da hotelaria na província de Nampula, com foco particular no contexto da Ilha de Moçambique que a FCSH recorreu à Escola Superior de Estoril para organizar com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, curso de pós-graduação sem atribuição de grau em Gestão Estratégica para a Hotelaria e Destinos Turísticos.

A intenção deste curso foi de proporcionar e actualizar os conhecimentos



Soalho da sala de reuniões da FCSH Antes da Reabilitação

Créditos: J. Salavessa

adquiridos ao longo dos percursos académicos e profissionais dos seus participantes, capacitando-os para uma intervenção inovadora e eficiente no emergente sector turístico e hoteleiro de Moçambique, promovendo a competitividade através do acréscimo da qualidade e sustentabilidade dos produtos turísticos e serviços hoteleiros disponibilizados. “Este foi um primeiro esforço focado na valorização dos nossos próprios quadros docentes, um treinamento inicial para que adquirissem e aprimorassem as suas competências profissionais. Os graus académicos são importantes, mas as competências e a capacidade de inovação são-no muito mais. Foi uma formação muito importante e estratégica para o fortalecimento do nosso quadro docente e não só, pois também participaram nesta formação agentes económicos locais do sector”.

Segundo o nosso entrevistado, os bons resultados que hoje a FCSH está a colher em todos os campos, quer de ensino e de cooperação, são resultados de um bom começo neste sentido. “Foi preocu-

pação da nossa parte ter uma boa relação com o sector privado desde o início. Noto ainda hoje que muitas instituições públicas, ficam muito fechadas sobre elas próprias e isso não é positivo”, disse o primeiro director da FCSH, para quem “a ligação com a indústria, com o tecido empresarial é fundamental para uma universidade que se quer afirmar no futuro. Porque nós, não somos detentores do conhecimento na totalidade. Se estivermos isolados daquilo que se passa em termos económicos e sociais, corremos o risco de não acompanhar o desenvolvimento do mundo. Nunca podemos perder o sentido da realidade”.

Quando lhe instamos para fazer a avaliação sobre os primeiros quatro anos da faculdade, João Salavessa mostrou-se satisfeito com os resultados que são apresentados pela FCSH. Este ano, a faculdade poderá disponibilizar ao mercado de trabalho, os primeiros licenciados nas áreas de Turismo e Hotelaria e de Desenvolvimento Local e Relações internacionais. “Espero que os estudantes saiam motivados, com curiosidade e capacidade para ao longo das suas vidas, empreenderem. Porque, o que aprenderam agora é uma pequena parte daquilo que eles vão aprender ao longo da vida”, disse, considerando que “numa universidade deve-se apreender a aprender para ao longo da vida poder escolher aquilo que se quer fazer e

Com o surgimento da FCSH

“ESPERO QUE A NOSSA HISTÓRIA COMECE A SER ESCRITA”



Luciano Augusto Administrador da Ilha de Moçambique

Créditos: Cefo Assimilado

O governo do Distrito da Ilha de Moçambique diz estar esperançado com o surgimento da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), porque, por meio dela, finalmente, a história da Ilha poderá passar de fontes orais para a escrita científica.

Segundo o Administrador da Ilha de Moçambique, Luciano Augusto, apesar das potencialidades atractivas que a Ilha possui nos campos quer culturais e arquitectónico, quer históricos e artístico, nada se encontra escrito. “Infelizmente, não temos nada escrito em termos dos vários conteúdos dos domínios: culturais, arquitectónico e artístico” o governante, que fala em exclusivo ao *OMacuthi*, disse esperar que com o aparecimento da Faculdade, leccionando cursos nas áreas sociais e humanidades, a história da Ilha comece a ser escrita, quer pelos estudantes, quer pelos investigadores.

“Temos a Ilha de Moçambique de antes da chegada dos portugueses e depois da independência até aos nossos tempos”, disse Augusto, para quem a Ilha reúne muitos elementos para serem transformados em livros, sob o risco de se perderem, porque, segundo ele, a maior parte dessa história encontra-se conservada em fonte orais e, por isso, ela está vulnerável a alterações e até à obliteração.

O nosso entrevistado disse que “seria útil e importante se os estudantes que finalizam os seus cursos este ano dedicassem as suas monografias a temas que têm a ver com o património arquitectónico tangível e intangível” da Ilha. O governante diz, por exemplo, que a cultura, as obras, o tipo de veste local e os pratos típicos da Ilha deviam ser explorados pelas primeiras turmas de graduados.

Num outro desenvolvimento, o nosso entrevistado referiu que, com o surgimento da Universidade Lúrio no distrito que governa, a Ilha de Moçambique começou a conquistar o seu lugar histórico. “Como se sabe, depois da capital passar para Lourenço Marques, actual Maputo, a

Ilha de Moçambique ficou debilitada”, disse Luciano Augusto, que concorda que “a FCSH está a devolver o nome e o lugar ocupado anteriormente pela primeira capital”. Segundo ele, depois dessa transferência da capital moçambicana da Ilha para Maputo, “os serviços essenciais do país ficaram transferidos. Hoje, a Ilha está ganhando tudo o que havia perdido, graças a esta Faculdade. Segundo o nosso entrevistado, o seu distrito está a acolher quase que constantemente conferências internacionais, palestras e outro tipo de eventos, “trazendo figuras de arena política, económica e académica, de reconhecido mérito, o que antes não acontecia.

O administrador diz que valeu a pena lutar para que a Ilha de Moçambique tivesse uma faculdade. Aliás, diz que a direcção da Universidade Lúrio fez uma escolha “muito acertada”, por ter levado uma faculdade para um distrito que precisava de uma instituição para se auto afirmar no panorama nacional e internacional.

O Reitor da Universidade Lúrio, Francisco Noa, disse, numa entrevista recente ao *OMacuthi*, que, foi pensando em contribuir para o desenvolvimento da sociedade, através do conhecimento e do crescimento da Universidade Lúrio, que a sua instituição pensou na criação da FCSH na Ilha de Moçambique. “Entendemos que era necessário que a nossa missão fosse o mais relevante e o mais abrangente possível. Para que ela seja relevante, é preciso que a pró-pria universidade responda aos anseios e expectativas da própria sociedade. Então, nós vimos que havia, de facto, muita ansiedade nas pessoas da Ilha, pois já tínhamos feito um estudo de viabilidade em relação às áreas novas, daí que decidimos entrar e investir exactamente na área de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, e também na área de Turismo e Hotelaria, tendo em atenção as potencialidades da região”, apontou Francisco Noa.

Volvidos quase quatro anos desde a sua criação, o governo da Ilha diz que a Universidade Lúrio, já está a concretizar os objectivos da sua constituição. A título ilustrativo, Luciano Augusto diz que a FCSH está a aumentar a competitividade e qualidade dos serviços hoteleiros e de restauração, oferecidos no distrito, mercê dos cursos de curta duração que são organizados constantemente, e pelo facto de os estágios dos estudantes nas instituições hoteleiras e de restauração estarem a criar uma nova dinâmica.

“Estamos surpreendidos com o impulso que a Faculdade está a dar na credibilização dos serviços”, disse, avançando que foi uma escolha acertada leccionar no distrito cursos superiores em Turismo e Hotelaria e Desenvolvimento Local e Relações internacionais.

“A FCSH ESTÁ NUM LABORATÓRIO SOCIAL E CULTURAL”

– Professor Elísio Macamo

O acadêmico moçambicano e Professor de Estudos Africanos na Universidade de Basileia, na Suíça, Elísio Macamo, considera que a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Lúrio foi instalada num laboratório com fortes potencialidades sócio culturais.

Numa conversa com *OMacuthi* à propósito da sua passagem pela Ilha de Moçambique no ano passado, como orador de uma palestra, Macamo diz que foi uma ideia genial instalar a FCSH numa região onde a tradição não é marcada por uma cultura original, mas sim, por várias, configurando assim um verdadeiro campo de estudos sociais e de humanidade.

Na parte final desta conversa conduzida por Faizal Raimo, Elísio Macamo diz que a Universidade Lúrio está muito bem posicionada para promover a investigação científica das potencialidades que a Ilha de Moçambique tem para oferecer, mas também, defende o ensino de árabe, fundamentando com o facto da história pré-colonial, na maior parte de África, encontrar-se escrita nesta língua.

OMacuthi (OM): Professor, olhando para o nosso país, que contribuição pode dar uma faculdade, como a nossa, virada para as áreas sociais?

Elísio Macamo (EM): Essa é uma questão muito interessante. É o tipo de discussão que tem havido, não só no nosso país, como também aqui na Suíça. A minha opinião é que não é possível existir uma universidade sem Ciências Sociais e Humanas. Elas são a base de uma universidade. A universidade é o local onde se vai buscar conhecimento. O sentido mais profundo do conhecimento é o conhecimento sobre nós próprios. Nós queremos saber o que somos e

como lidar com outras pessoas. E, esse é o trabalho que é feito pelas Ciências Sociais. Então, essa é a base do conhecimento científico sobre o qual todos os outros saberes são construídos. As engenharias, a Medicina e a Agronomia, todas as áreas têm um fundamento, o conhecimento da pessoa e do comportamento humano. O trabalho de um Engenheiro civil só faz sentido porque ele está inserido num contexto social. O significado que uma estrada

a Biologia que vão permitir domesticar essas coisas e construir o país. O país constrói-se na base do conhecimento social.

OM: Professor, está a dizer que as Ciências Sociais e Humanidades são a base de uma universidade?

EM: Uma universidade sem Ciências Sociais e Humanas não faz sentido. Uma universidade sem Ciências Sociais e Humanidades é uma politécnica. Mesmo essa tem ciências



Créditos: E. Macamo

Elísio Macamo Académico moçambicano e Professor na Universidade de Basileia, na Suíça

e ponte têm, por exemplo, não vem das equações matemáticas que permitiram que o Engenheiro construísse, vem da importância que as pessoas atribuem a essas infraestruturas. Então, o conhecimento social é fundamental para os outros conhecimentos. As Ciências Sociais são fundamentais para a própria visibilidade de um projecto de universidade. Acresce-se a isso, o facto de o nosso país, tal como a vossa Universidade, ser ainda jovem. O nosso país tem praticamente 40 anos de existência. É um país marcado por grande diversidade cultural e étnica. É um país em constantes transformações. Não vai ser a Química, a Física, nem

sociais porque existem cursos que requerem esses conhecimentos. A universidade é o lugar onde a gente promove o conhecimento e a base do conhecimento é o conhecimento de si próprio. Isso é trabalho que é feito pelas Ciências Sociais.

OM: Conte-nos da sua passagem aqui na FCSH?

EM: Gostei muito, foi um convite que surgiu da minha ida à Universidade Rovuma em Nampula que era para ministrar cursos a pedido de colegas, refiro-me ao professor Arsénio Cuco. Foi então que surgiu a oportunidade de dar uma palestra na vossa Universidade à convite do Professor Pedrito Cambrão que agora está na

UniZambeze. Foi muito bom, estava muito cheio, tinha muitos estudantes e tinha também membros da política local. Gostei muito, houve interacção e foram colocadas excelentes perguntas. Depois deu para conhecer algumas coisas. O director do Museu da Ilha de Moçambique, um amigo de longa data desde a Alemanha, o Dr. Silvério João Nauaito, proporcionou-nos uma bela visita guiada ao Museu. Eu já conhecia a Ilha, mas foi muito bom voltar e ter acompanhamento de colegas. Foi uma passagem muito positiva pela FSCH.

OM: Acha que foi uma escolha acertada, por parte da UniLúrio, instalar uma faculdade de ciências sociais e humanas na Ilha de Moçambique?

EM: Acho que foi uma decisão genial. Estando numa região como essa, eu não consigo imaginar um melhor lugar para ter uma universidade, de um modo geral, e melhor lugar para ter uma Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, em particular. A direcção da universidade teve uma ideia genial ao diligenciar fazer isso aí. Mas há razões também para isso. Não é só por ser um local turístico, eu penso que há um certo sentido em que a Ilha de Moçambique pode ser vista como um local de muito interesse para Moçambique porque não é um lugar marcado por uma cultura, digamos, original, mas sim, por várias culturas. E Moçambique é isso mesmo. Moçambique não é uma ideia essencial, não é uma essência. Moçambique é algo que se tornou ao longo do tempo. A Ilha dá-nos imediatamente essa sensação. É um local onde tem uma forte presença e marca colonial, uma região com forte tradição islâmica que não é necessariamente moçambicana e nem africana. *É como construir uma faculdade num laboratório.* Não ter o laboratório dentro da faculdade, mas ter a faculdade dentro do laboratório, a Ilha de Moçambique é um laboratório social e cultural. Então, a ideia de colocar uma Faculdade de Ciências Sociais e humanas lá é genial.



Créditos: Cefo Assimilado

Elísio Macamo

Respondia perguntas dos participantes da palestra

OM: Se a memória não me foge, o tema da sua palestra versava sobre a Unidade Nacional. Professor, é correcto afirmar que há Unidade Nacional no nosso país?

EM: A Unidade Nacional não é uma coisa assim que a gente vai ter de uma vez por todas. É uma coisa para qual a gente está sempre a trabalhar. Nenhuma sociedade pode se rigozizar e dizer que já atingiu a Unidade Nacional. Trabalha-se para isso e, em Moçambique, deve-se fazer assim. Neste momento, Moçambique vive uma situação difícil em Cabo-Delgado e no centro do país. É uma forte ameaça à Unidade Nacional, mas não é um defeito político moçambicano. A Unidade Nacional é algo para qual se trabalha. Agora na minha palestra estava a falar da Unidade Nacional, num outro sentido. Estava a falar da Unidade Nacional como um discurso problemático. Um discurso que tem a tendência de promover o unanimismo. O Faizal sabe muito bem que na esfera pública em Moçambique é suficiente alguém dizer, “olha, você está a ser anti-patriótico” para que a discussão acabe. Usa-se o discurso da “unidade nacional” para asfixiar o debate. Foi por isso que dei à palestra o título “O fim da Unidade Nacional”, o que deixou muito atrapalhadas as pessoas que me convidaram, pois estavam com o receio legítimo e

compreensível de estarem a levar um indivíduo subversivo para lá. Mas o título tinha uma ambiguidade propositada. Por um lado queria falar mesmo dos objectivos que a unidade nacional se propõe alcançar, mas por outro lado estava mesmo a apelar para o fim duma certa maneira de tratar do assunto, portanto, a maneira que asfixia e sufoca a liberdade de expressão.

OM: Qual é a mensagem que queria deixar com a palestra?

EM: Sendo estudantes das Ciências Sociais e Humanas, têm que ter uma sensibilidade muito forte para questões da articulação dos pontos de vista na esfera pública e que eles não podem se submeter ou deixar que o exercício de liberdade de expressão fique refém de ideias políticas autoritárias. Eu estava a tentar encorajar os estudantes a serem mais críticos e a verem o país e se identificarem com ele de forma crítica, porque isso não é só característica especial de quem faz Ciências Sociais, como também é um atributo muito importante de cidadania.

OM: Com um potencial histórico, cultural e arqueológico por explorar, a Ilha de Moçambique não tem a sua história escrita, continuando a ter em fontes orais. No seu ponto de vista, como se pode inverter esse cenário?

EM: A Universidade tem que de-

Cont. pág.8

ACADÉMICOS DEFENDEM AUTONOMIA DE ESTUDANTES PARA REDUZIR ASSIMETRIAS EM TEMPOS DE CRISE

Investir na formação de docentes adequando-os para as diversas modalidades de ensino, introduzir novas metodologias de ensino centradas no estudante, apostar no investimento tecnológico e na produção de manuais de disciplinas para criar maior autonomia no ensino, são algumas das conclusões de um debate realizado na última quarta-feira (17.06.2020), juntando académicos de vários quadrantes do mundo.

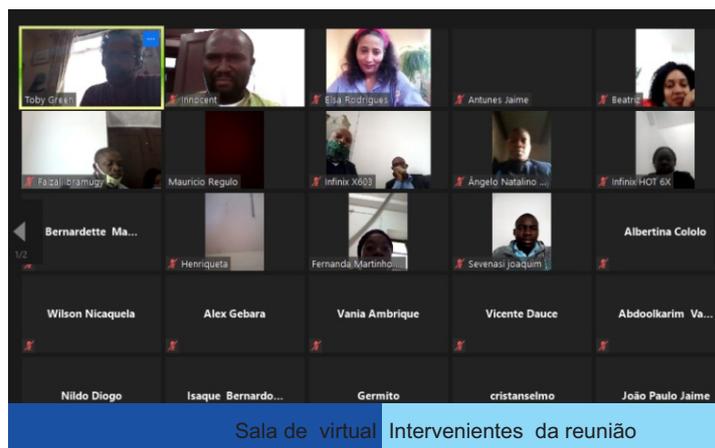
Segundo os académicos que falavam num debate organizado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Lúrio na Ilha de Moçambique, subordinado ao tema “os desafios das ciências sociais no contexto da COVID 19” e que contou com a participação de Moçambique, Angola, Brasil, Inglaterra e de estudantes moçambicanos em Portugal, a adopção de tais medidas por parte de instituições de educação superior poderá reduzir desequilíbrios e/ou desigualdades de ensino em tempos de crise globais.

Elsa Rodrigues, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências de Educação de Benguela em Angola, uma das oradoras do evento, disse que, por exemplo, devido ao fraco investimento tecnológico na maior parte das instituições de ensino no seu país, quando foram introduzidas aulas a partir de plataformas online, como medidas de prevenção da Covid 19, “havia situações em que os alunos nem sabiam abrir um email, nem anexar um documento”. O ensino online é uma decepção quer para os docentes, quer para os alunos, uma vez que, segundo ela, “muitos deles, não tem acesso aos meios virtuais”. Defende então, uma política de acesso aos meios tecnológicos de baixo custo.

Jóssimo Calavete, Director Adjunto Pedagógico da FCSH que também integrou a equipa de oradores, considera a capacitação de professores para que estejam preparados para as diversas formas e liberalização do ensino, no sentido de ser mais autónomo, criando mais independência aos estudantes, através da elaboração e disponibilização de manuais de disciplinas, o que pode concorrer para a não paralisação do processo de ensino em casos de emergência.

Calavete propõe igualmente que os países adaptem uma política de educação em tempos de emergência que pudesse definir melhor as modalidades de ensino. “O ensino online nas modalidades actuais está a marginalizar certos estudantes por impossibilidade de equipamentos que tenham capacidades de aceder as aulas, além disso, os estudantes que frequentam cursos técnicos estão a ter certos problemas de aprendizagem, pelas plataformas que não oferecem mecanismos adequados”.

Instado a comentar no debate, Toby Green do Kings College - Inglaterra, disse que as dificuldades enfrentadas no ensino online em Moçambique e Angola também foram



registadas na Inglaterra. Todavia defendeu que a contínua melhoria da capacitação do corpo docente e o reforço do vínculo contratual existente entre o aluno e o professor, podem minimizar situações similares no futuro.

No que concerne aos participantes do debate de reflexão sobre os desafios das ciências sociais no contexto da COVID 19, estes levantaram diversas questões e propostas sobre como o ensino superior deve enfrentar crises. Defendendo, por exemplo, para além de potenciar o pessoal docente com capacitações na área digital, a necessidade

das instituições de ensino superior transformarem a pandemia numa oportunidade de mudança de paradigma de ensino e a concepção de programas de acesso facilitado de computadores de baixo custo, quer para estudantes, quer para os professores.

O director da FCSH, Wilson Porfirio Nicaquela, disse que o evento havia sido organizado com o objectivo de trocar experiências sobre a gestão do processo de ensino e aprendizagem no pós-covid19, como contribuição das ciências sociais.



Continuado da. pág.3

ser”.

Para além disto, aquele que foi o primeiro director da FCSH, diz que a forma mais usual de honrar o esforço de todos que se empenharam para tornar realidade o sonho de colocar a faculdade na Ilha, seria “de produzir indivíduos que tenham uma atitude e desempenho acima da média na actualidade” e

“Costumo dizer aos estudantes, sempre que estou com eles, que há três características que são imprescindíveis, que abrem muitas portas, e levam ao sucesso no mercado de trabalho em Moçambique: o comprometimento, a idoneidade e o domínio básico da língua inglesa”.

FCSH COM TRÊS MEMBROS NO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNILÚRIO



Créditos: F. Raimo

Participantes da Ilha de Moçambique | sessão extraordinária do Conselho Universitário

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Ilha de Moçambique passou, a partir de Maio corrente, a contar com três membros no Conselho Universitário, órgão máximo de função normativa e deliberativa da Universidade Lúrio.

assistentes universitários.

Importa referir que o Conselho Universitário da UniLúrio decorreu numa plataforma *online* e contou com a participação da totalidade dos seus membros.

Continuado da. pág.6



Créditos: Ceto Assimilado

Elísio Macamo ladeado pelo Prof. Pedrito Cambrão e o Dr. Silvério Nauaito

semperhar um papel muito importante. A Ilha tem Museu, mas a universidade pode contribuir para a documentação dessa história. Há muita coisa sobre a Ilha de Moçambique e região escrita em árabe e há muito pouca gente em Moçambique a fazer pesquisas sobre essas coisas aí. Se houvesse um curso de árabe, isso seria um contributo. Uma universidade como a vossa está muito bem posicionada para promover este

tipo de aptidão. Infelizmente, a história em África se escreve sempre a partir de fontes europeias. Mas a gente sabe que uma boa parte do conhecimento que existe sobre África précolonial foi produzida por árabes. Não só na África ocidental, como também, na costa Suaili, há uma tradição árabe - muçulmana que deixou registos muito importantes aos quais não temos acesso, porque estamos concentrados em aprender português, inglês e francês pensando que tudo o que há de relevância na nossa história vai ser recuperado nessas línguas. Não só vai ser assim, há outras formas de estudar a história, por exemplo, a arqueologia aquática e marítima é muito importante. De facto a Ilha de Moçambique tem muitas riquezas que estão à espera de serem estudadas. A vossa Universidade pode muito bem capitalizá-las.



FCSH FAZENDO A DIFERENÇA

FCSH



PRESERVAR O PATRIMÓNIO CULTURAL DA ILHA: O QUE EU GANHO COM ISSO?

“Bebé que não chora não mama”, diz um velho ditado popular. Este ditado nos leva a concluir, sem nenhuma hesitação, que a condição para se satisfazer um desejo passa necessariamente pela reivindicação de quem o tem. Entendamos por reivindicação o acto pelo qual o Homem usa os meios disponíveis para ter, junto de si, tudo o que ele precisa. O resultado desse exercício é o alcance da sua felicidade, embora poucas vezes ela seja plena, porque, como todos sabemos, quase sempre a satisfação numa necessidade abre espaço para o surgimento doutra. Considero a pergunta acima como um acto de choro que deve merecer a atenção de todos, incluindo-me.

Está provado que a inclusão da Ilha de Moçambique na Lista do Património Mundial da Unesco contribui, grandemente, para a sua valorização, crescimento do turismo e, conseqüentemente, a melhoria das condições de vida dos seus habitantes. Nesse texto, uso muito pouco o recurso turismo como argumento, porque acredito que existam pessoas que o possam fazer com propriedade e, quiçá, de forma convincente.

Nos últimos tempos têm-se intensificado acesos debates em torno da importância da preservação e/ou conservação do Património Cultural da Ilha de Moçambique. O que torna o assunto ainda mais interessante é a dificuldade de se obter uma resposta consensual e esclarecedora para a pergunta: “O que eu ganho com isso?”. Para mim, essa pergunta é apenas a ponta do *iceberg*, porque, por detrás dela existem várias e contraditórias interpretações feitas com muita insistência pelos moradores da Ilha. Assim, nos dias que correm, e com muita frequência tendo como palcos preferenciais os encontros públicos, seminários e também as conversas informais, essa pergunta transcende, com facilidade, a essas esferas e ganha contornos formais pela sua capacidade de influenciar mentalidades.

Não pretendo aqui dar uma resposta com objectivo de serenar os ânimos e nem tão pouco cientificar essa coisa de Património Cultural, mas sim tento trazer algumas linhas de reflexão que, adicionadas a outras, poderão, talvez, clarificar a forma como olhamos para esse bicho que convencionamos chamar Património. Sinto que, na Ilha, o papel do GACIM muitas vezes é confundido como a de proprietário do bem - a Ilha de Moçambique (Património Mundial). Esclareço que esse pensamento não é correcto porque o património pertence a comunidade em primeira instância. Assim, o papel do GACIM é de conselheiro, coordenar e orientar todas as acções de protecção, consubstanciando naquilo que usualmente se diz “uma mão lava a outra, e as duas lavam a cara”.

É importante saber que a Ilha de Moçambique foi declarada Património Mundial pela Unesco em 1991, porque o proponente - Governo de Moçambique - submeteu a sua candidatura como forma de reconhecimento das suas qualidades excepcionais e a sua contribuição para a História e Cultura da Humanidade. Penso que esse facto facilmente pode colher consensos de todos e de forma particular dos moradores da Ilha. Assim, aos moradores recai e/ou devia recair a “obrigação” da sua preservação na qualidade de depositários do bem. Por outro lado, penso que cabe também aos moradores o dever de opinar, criticar e sugerir as melhores formas da sua conservação, por forma a garantir a sua continuidade para as gerações vindouras. Todavia, vezes sem conta tenho a sensação de que, na Ilha, alguns moradores “*nhanhalaram*” o seu Património porque, na óptica deles, não vêm os ganhos que dela se tem e pode obter para as suas vidas. Devemos entender esse posicionamento de forma positiva porque, em parte, ela leva as instituições “preservacionistas”, como o GACIM e o Município, a repensarem sobre os seus mecanismos de actuação na Ilha e a forma como as comunidades encaram. Por outro lado, esse posicionamento de alguns moradores representa uma contradição porque, lá fora, a Ilha é sempre exaltada por todos mas, dentro ela é “esprimimida” por alguns. Os ganhos que o título de património mundial trazem aos sítios são e podem ser extraordinários, mas tudo depende da forma como as pessoas se organizam e se preparam para acompanhar a dinâmica que isso impõe. É preciso pouco a pouco começarmos a pensar na possibilidade de abandonarmos a informalidade, embora reconheça que ela tenha raízes históricas e culturais muito fortes nas comunidades ilhéias. Os ganhos, por um lado, manifestam-se de forma directa e indirecta com impactos muito significativos, desde à geração e potencialização de pequenos negócios caseiros, como venda de produtos alimentícios, até à venda de produtos de arte e de adorno. Que o digam as mamãs do mercado Andalane. Importa mencionar a *sanana*, por exemplo, como um produto cultural local que consegue atrair gente de outras geografias do mundo, e que já é exportado para muitos países europeus. Por outro lado, e não menos importante, destaco a contribuição do dinheiro arrecadado pelos guias de turismo no sustento das suas famílias, só para citar alguns ganhos. Também ganhamos com a nossa forma de ser e estar, e aqui os grupos culturais locais que se encarregam na promoção das práticas imateriais como as danças *Tufo*, *Nsope* e *Maulide* beneficiam desses ganhos da preservação e conservação do Património Cultural da Ilha, embora de

NÃO BASTA ESTUDAR, TEMOS QUE PRATICAR AS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS



Lucas Mabunda Estudante do 2º ano do curso de DLRI

Estudamos Ciências Sociais e Humanas (CSH) e vivemos as limitações que o mundo está a enfrentar neste momento, é um facto, mas isso não basta. A questão que nos colocamos nas primeiras semanas desde a declaração do Estado de Emergência em Moçambique era: **o que podemos fazer para contribuir na luta contra o Covid-19?** Os debates sobre o papel das instituições de ensino superior estiveram e estão mais vinculados aos cursos politécnicos (para a produção de qualquer produto tangível capaz de ajudar a minimizar o sofrimento e quiçá a doença). Mas, em pouco tempo emergiram discursos de conceituados académicos como o Professor Boaventura de Sousa Santos que sugere a transformação da pandemia em momentos de aprendizagem, chamando no seu mais recente livro “a cruel pedagogia do vírus”.

Portanto, as atenções deixaram de estar exclusivamente, viradas para as ciências exactas, as engenharias, ou a indústria farmacêutica, porque percebeu-se que quem usa o sabão, a máscara e a água é o homem. Quem produz o ventilador, os comprimidos, as luvas e afins é o ser humano, portanto nesta luta há que termos atenção ao papel das humanidades, enquanto área de conhecimento que produz e actualiza os saberes.

Foi assim como nos motivamos, nos mobilizamos e nos entregamos em causas humanas nesta zona insular, para deixar legado do que aprendemos em CSH. Dizia um combatente da luta de libertação Nacional que, “contava porque participou”, nós partilhamos porque participamos, enquanto estudantes de CSH, deveríamos ser praticantes. Somos chamados a responder a um problema que para além de ser de saúde pública, é também um problema social, o destino dos aspirantes da CSH. O nosso grupo não esteve a educar as comunidades da Ilha de Moçambique, mais do que isso, aprendemos com as comunidades. Vivemos a diversidade comportamental, existem homens e mulheres que olham a máscara, o termómetro, a lavagem de mãos como um incómodo, aprendemos que é dialogando que se alcançam consensos entre os homens, mas o que não sabemos é se fizemos como devíamos nesta luta contra a crise.

Das certezas que temos, como pequeno grupo de

estudantes que abraçou as iniciativas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), é de sermos parte da equipa de recolha de dados do estudo cuja temática é *Percepção dos Residentes da Ilha de Moçambique sobre o COVID-19*, depois envolvemo-nos no trabalho de consciencialização nas comunidades. Depois nos embalamos no rastreio de usuários da ponte que dá acesso à parte insular da Ilha de Moçambique acompanhado da consciencialização sobre as medidas de prevenção da pandemia que ganhou contornos comunitários na Província de Nam-pula. Com “a cruel pedagogia do vírus” aprendi que a sociedade de hoje não é como a conhecemos ou tratamos em an-



Lucas Mabunda Rastreando um condutor de motorizada

fiteatros da academia. Na pequena capacitação que tivemos em matéria de COVID-19, a realidade mostrou-nos uma diversidade, a mensagem que nos foi transmitida era de que as pessoas não estavam informadas sobre essa doença. Não é o que aprendemos. As pessoas ouviam sobre o COVID-19, mas não sabiam o que era isso de COVID-19, elas usavam máscaras, mas não sabiam porquê usar máscara, lavavam as mãos, mas não sabiam porquê se deve lavar as mãos muitas vezes. A nossa ilação foi reconfirmação da luta contra um inimigo invertível sem saber como ele age e como ataca.

Essas situações fortaleceram a nossa aprendizagem durante o nosso envolvimento nas campanhas de sensibilização sobre a prevenção e o combate contra o coronavírus. Enquanto estudantes de CSH, sentimos que

temos um compromisso com a sociedade e nesta época devíamos todos honrar esse contrato social. O nosso envolvimento na Ilha de Moçambique, na organização de campanhas de sensibilização nos diferentes bairros e mercados sobre as medidas de prevenção, desconstruiu o mito da elite universitária, pois a nossa sensação é de termos deixado um legado do papel da Universidade Lúrio na preservação e manutenção do melhor património que a Ilha dispõe (o homem). Estamos num período em que a sociedade espera muito de nós, que para além da pandemia do COVID-19, enfrentamos as pandemias da desinformação, o defeituoso acesso de informação, a calúnia e intrigas geradas em redes sociais, entre outros males. Cada um de nós, alunos e estudantes da FCSH, se fizemos sozinhos ou em grupo um pouco mais de esforço, com certeza faremos diferente e venceremos o COVID-19 e outros males.

BIBLIOTECA OZUELA PREOCUPADA COM A CATALOGAÇÃO DE LIVROS



Docentes da FCSH Em pleno processo de catalogação de livros

Decorre desde o passado dia 16.06.2020, na Biblioteca Ozuela da FCSH, o processo de catalogação digital de livros.

A Biblioteca Ozuela conta com pouco mais de três mil obras, sendo que todas se encontram registadas manualmente. “O objectivo do registo digital é ter muito controlo dos livros e facilitar o processo de consulta”, disse Mendes Palma Moreira, estudante do 3.º ano na FCSH e colaborador daquela biblioteca, desde Julho de 2018.

O processo de catalogação digital

de livros conta com o reforço de docentes que se aproveitando do período do estado de emergência em que a biblioteca encontra-se encerrada ao público, flexibilizam o processo. “Vínhamos fazendo o registo digital dos nossos livros de forma paulatina, mas agora, sentimos que deveríamos acelerar o processo, aproveitamento o encerramento”. Importa salientar que no total são sete docentes, que têm a meta de fazer o registo de pelo menos 200 livros cada. “Esses docentes passaram por uma capacitação sobre como cata-

logar os livros”, informou, Realito Adamugy Ussene Momade, Chefe do Departamento de Documentação ao nível da FCSH.

O Maeuthi
Boletim Informativo da FCSH

Leia e divulgue

Continuado da. pág.9

forma ainda fraca. Na verdade, como falámos anteriormente, não conseguiremos aqui elencar todos os ganhos que se podem obter do património, mas isso não deve ser interpretado como sendo uma demonstração de alguma dificuldade em fazê-lo. A vida nos mostra que muitas vezes não nos apercebemos da importância das coisas que nos pertencem e/ou que estão ao nosso redor. Exemplo concreto disso é o facto de muitos de nós conseguir ficar um, dois, três e ou até seis meses sem dar um mergulho nas encantadoras e refrescantes águas do Índico, o que causa estranheza e perplexidade para habitantes das zonas do interior, que nunca perderiam um minuto sequer sem mergulhar na praia.

Uma pergunta pode e deve ser feita: Podemos ganhar mais

com o Património? A resposta é clara: sim, podemos ganhar mais, mas tudo depende da forma como agimos hoje na conservação da Ilha e saber capitalizar as inúmeras oportunidades que surgem e podem ser criadas. Sêneca, um filósofo Romano nos ensina que “Não há vento favorável para aquele que não sabe para onde ir”.

A frase de Sêneca acima me obriga a concluir que a instalação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UniLúrio na Ilha também constitui um grande ganho que o Património oferece à cidade e, em última instância, aos seus moradores. Concordam comigo? Acho que nesse ponto todos concordam.

Aquele abraço!

ESTUDANTES ENVOLVIDOS NO RASTREIO DA COVID 19



Foto família Estudantes envolvidos no rastreio da COVID 19, acompanhados pelo Director e Director Adjunto Pedagógico da FCSH

No âmbito da prevenção do COVID 19 no distrito da Ilha de Moçambique, estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, estão, desde o início até ao fim do terceiro período do estado de emergência, envolvidos no processo de rastreio de pessoas na principal entrada do distrito.

A actividade acontece através da parceria entre a FCSH e os Serviços Distritais de Saúde e Acção Social da Ilha de



Ussene Momade Técnico de Medicina Preventiva

Moçambique.

O Técnico de Medicina Preventiva ao nível desses serviços, Ussene Momade, diz que, essencialmente, os estudantes estão a fazer a leitura da temperatura das pessoas que entram na zona insular da Ilha de Moçambique. “Temos este trabalho a ser desenvolvido nas entradas de todas as unidades sanitárias do distrito, mas pensamos que não é suficiente, porque não se pode esperar que as pessoas venham ao centro de saúde”, disse o nosso entrevistado, explicando que “era necessário intensificar o trabalho, indo ao encontro das pessoas”.

“Este trabalho já teria sido desenvolvido nos outros períodos do estado de emergência, se não fosse a exiguidade de recursos humanos. Os estudantes da FCSH ajudam-nos a aproximarmo-nos cada vez mais das pessoas”, disse Ussene Momade, considerando o envolvimento da Universidade Lúrio um contributo no processo de prevenção da Covid-19 a nível local.

Samira Hafiz Jamú é a estudante da FCSH que chefia o grupo de rastreadores na entrada principal que dá acesso à zona insular da Ilha de Moçambique. Ela diz sentir-se grata e motivada em fazer parte do processo, porque, segundo suas palavras, “estou a ajudar as pessoas a se prevenirem da Covid-19”.

Ela apela as pessoas residentes no distrito a se precaverem do novo coronavírus, ficando em casa e “só devem sair de casa, quando necessário e devidamente protegidos”.

O Director da FCSH diz que a contribuição da sua instituição nesta actividade visa minimizar o alastramento da doença no distrito, evitando que a situação atinja níveis

ESTUDANTES ENVOLVIDOS NO RASTREIO DA COVID 19



Samira Hafiz Jamú em pleno rastreio

comunitários, o que pode sobrecarregar o sistema de saúde local.

De salientar que o grupo de estudantes encontra-se devidamente protegido e, antes do arranque do processo de rastreio de pessoas, foi submetido a um treinamento intensivo, o que permitiu adquirir habilidades de uso do aparelho que ajuda a medir a temperatura.

POPULARES SATISFEITOS COM A INICIATIVA

O macuthi saiu à rua para ouvir a reacção dos munícipes da Ilha de Moçambique sobre o trabalho dos estudantes de medição de temperatura.



Créditos: Lucas Mabunda

Nordino Suleimane Adamugy Munícipe

De forma generalizada, os nossos entrevistados mostraram-se satisfeitos com a iniciativa e dizem que a mesma está a ajudar sobremaneira na prevenção da Covid-19.

Para Nordino Suleimane Adamugy, as actividades desenvolvidas pelos estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas são bastante positivas. Apela para que os estudantes continuem interventivos porque só desta forma poderão contribuir para o progresso da Ilha de Moçambique e pela erradicação da COVID 19.

“Parabéns para vocês pela iniciativa”, começou Issufo Ossumane Amade, um outro entrevistado pela nossa reportagem. A fonte considera que a FCSH faz tanta diferença no distrito, a avaliar pelas boas acções

que tem estado a realizar em benefício à população local. “Quando não tínhamos a faculdade, a Ilha estava isolada, foi um bom pensamento por parte do governo, nos trazer uma universidade”

Atumane Wilson entende que o contributo dos estudantes da FCSH é



Créditos: Lucas Mabunda

Issufo Ossumane Amade Munícipe

um bem valioso, na medida em que ajuda a trazer uma mente positiva aos ilhéus em relação à pandemia da COVID19. “De zero à dez, a minha nota é de dez valores”, classificou o nosso entrevistado, apelando aos ilhéus para a tomada de medidas preventivas contra a COVID 19.

Assumane Alexandre, um outro entrevistado é de opinião de que o trabalho de sensibilização e rastreio de pessoas levadas à cabo pela FCSH, reveste-se de extrema importância, por ser de carácter educativo,



Créditos: Lucas Mabunda

Atumane Wilson ade Munícipe

o que segundo ele, contraria os outros apelos que são mais ameaçadores. “Para mim, considero de muito positivo as vossas actividades. O importante é continuar a pautar pela sensibilização e não pela ameaça”, disse mesmo não explicando quem esteja a vincular mensagens ameaçadoras.

Na nossa página do Facebook, ADiel Daniel Tiroso diz que a iniciativa da FCSH revela “o compromisso para com a comunidade”.



Créditos: Lucas Mabunda

Assumane Alexandre Munícipe

De Estudantes naturais da Ilha de Moçambique

FCSH AJUDOU A REALIZAR SONHOS DE FAZER FACULDADE EM CASA

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Lúrio é descrita pelos jovens naturais da Ilha de Moçambique como a que facilitou a realização de sonhos, como o de fazer o ensino superior sem sair da sua terra natal.

Alguns jovens entrevistados pela nossa equipe de reportagem disseram que se não fosse a Universidade Lúrio a se instalar na Ilha de Moçambique, os seus sonhos de fazer o ensino superior não chegariam a acontecer, devido a falta de condições financeiras para suportar os estudos fora de casa pelo que, consideram a FCSH como a que aliviou muitas dificuldades e tornou real os seus sonhos que tardaram longos anos.

Saïde Hassane Habibo Morenga, estudante do quarto ano do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, por exemplo, terminou a sua 12ª Classe em 2011, mas devido à falta de condições financeiras para suportar estudos fora da Ilha de Moçambique, foi obrigado a esperar quase sete anos para ingressar o nível superior.

“Se na altura em que terminei a 12ª classe, a Ilha de Moçambique tivesse uma faculdade, acredito que a situação seria outra”, refere Morenga. A fonte explica que durante os aproximadamente sete anos foi obrigado a se submeter à várias formações de curta duração e a procurar por pequenos trabalhos com vista a juntar dinheiro para um dia ingressar na faculdade fora da Ilha.

Saïde Morenga diz ter acompanhado pela primeira vez a notícia de abertura de uma faculdade da Universidade Lúrio na Cidade da Ilha de Moçambique por intermédio de uma amiga no Facebook. “Na altura estava fora da Ilha de Moçambique, tive que correr e chegar aqui. Fui o primeiro estudante a garantir a pré-inscrição”, disse o nosso entrevistado visivelmente satis-



Créditos: Cefo Assimilado

Saïde Hassane Habibo Morenga Estudante da FCSH

feito com o facto. Para ele, a implantação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na sua terra natal representa um grande ganho, uma vez que “hoje a ilha é vista de uma outra forma no panorama internacional. A Ilha é tão pequena,

terra natal 13 anos depois.

Abdul Juma diz que a demora verificada para ingressar no ensino superior em parte estava relacionada com a falta de fundos, porque segundo ele, “estudar fora da Ilha incluiria custos”. Porque a Ilha não



Abdul Tauazir Haje Juma Estudante da FCSH

mas com uma faculdade. Temos muitos distritos precisando de universidade, os cidadãos de Namialo gostariam de ter uma faculdade, mas não têm”.

Abdul Tauazir Haje Juma é um outro jovem natural da Ilha de Moçambique que hoje frequenta o quarto ano do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais. Conta que concluiu a 12ª classe em 2004, tendo apenas ingressado no ensino superior, neste caso, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na sua

dispunha do ensino superior, a saída foi trabalhar para conseguir juntar fundos, entretanto, durante este percurso, a Universidade Lúrio abre uma faculdade. “Recebi com muita felicidade. Era um sonho tornado real, fazer ensino superior sem sair de casa”, exclamou o nosso entrevistado, considerando que a FCSH está a ajudar muitos jovens a realizar os seus sonhos de se formarem sem acarretar elevados custos.